

UFF/ CEG/ ICHF/ DEPTO. DE HISTÓRIA

APOSTILA DO CURSO

O RIO DE JANEIRO E AS FAVELAS

Prof. Marcos Alvito

“É uma cidade à parte”

Olavo BILAC, “Fora da vida”, crônica de 1908

“Encravada no Rio de Janeiro, a Favela é uma cidade dentro da cidade”

Benjamim COSTALLAT, “A favela que eu vi”, crônica de 1922

“Há, sem dúvida, duas cidades no Rio”

Orestes BARBOSA, “A favela”, crônica de 1923

“O resultado desta política foi uma *cidade partida*”

Zuenir VENTURA, 1994

“As favelas do Rio são países estrangeiros”

Arnaldo JABOR, 1995

TEXTO No. 1: O morro do Castelo em 1871

Natureza e data do texto:

Nesta abertura do romance *Esaú e Jacó*, publicado em 1904, duas personagens do livro de Machado de Assis, Natividade e Perpétua, vão visitar uma "cabocla" com poderes divinatórios. Estes dois capítulos iniciais descrevem brevemente o morro do Castelo e seus habitantes, além de mostrarem a distância social que separava aquele sítio de Botafogo, onde residiam as duas consulentes. (edição utilizada: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982)

Texto:

CAPÍTULO PRIMEIRO / COUSAS FUTURAS!

Era a primeira vez que as duas iam ao morro do Castelo. Começaram de subir pelo lado da Rua do Carmo. Muita gente há no Rio de Janeiro que nunca lá foi, muita haverá morrido, muita mais nascerá e morrerá sem lá pôr os pés. Nem todos podem dizer que conhecem uma cidade inteira. Um velho inglês, que aliás andara terras e terras, confiava-me há muitos anos em Londres que de Londres só conhecia bem o seu clube, e era o que lhe bastava da metrópole e do mundo Natividade e Perpétua conheciam outras partes, além de Botafogo, mas o morro do Castelo, por mais que ouvissem falar dele e da cabocla que lá reinava em 1871, era-lhes tão estranho e

remoto como o clube. O íngreme, o desigual, o mal calçado da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas. Não obstante, continuavam a subir, como se fosse penitência, devagarinho, cara no chão, véu para baixo. A manhã trazia certo movimento; mulheres, homens, crianças que desciam ou subiam, lavadeiras e soldados, algum empregado, algum lojista, algum padre, todos olhavam espantados para elas, que aliás vestiam com grande simplicidade; mas há um donaire que se não perde, e não era vulgar naquelas alturas. A mesma lentidão do andar, comparada à rapidez das outras pessoas, fazia desconfiar que era a primeira vez que ali iam. Uma crioula perguntou a um sargento: "Você quer ver que elas vão à cabocla?" E ambos pararam a distancia, tomados daquele invencível desejo de conhecer a vida alheia, que é muita vez toda a necessidade humana.

Com efeito, as duas senhoras buscavam disfarçadamente o número da casa da cabocla, até que deram com ele. A casa era como as outras, trepada no morro. Subia-se por uma escadinha, estreita, sombria, adequada à aventura. Quiseram entrar depressa, mas esbarraram com dous sujeitos que vinham saindo, e coseram-se ao portal. Um deles perguntou-lhes familiarmente se iam consultar a adivinha.

—Perdem o seu tempo, concluiu furioso, e hão de ouvir muito disparate...

—É mentira dele, emendou o outro rindo; a cabocla sabe muito bem onde tem o nariz.

Hesitaram um pouco; mas, logo depois advertiram que as palavras do primeiro eram sinal certo da vidência e da franqueza da adivinha; nem todos teriam a mesma sorte alegre. A dos meninos de Natividade podia ser miserável, e então... Enquanto cogitavam passou fora um carteiro, que as fez subir mais depressa, para escapar a outros olhos. Tinham fé, mas tinham também vexame da opinião, como um devoto que se benzesse às escondidas.

Velho caboclo, pai da adivinha, conduziu as senhoras à sala. Esta era simples, as paredes nuas, nada que lembrasse mistério ou incutisse pavor, nenhum petrecho simbólico, nenhum bicho empalhado: esqueleto ou desenho de aleijões. Quando muito um registro da Conceição colado à parede podia lembrar um mistério, apesar de encardido e roído, mas não metia medo. Sobre uma cadeira, uma viola.

—Minha filha já vem, disse o velho. As senhoras como se chamam?

Natividade deu o nome de batismo somente, Maria, como um véu mais espesso que o que trazia no rosto, e recebeu um cartão, porque a consulta era só de uma, — com o número 1.012. Não há que pasmar do algarismo; a freguesia era numerosa, e vinha de muitos meses. Também não há que dizer do costume, que é velho e velhíssimo. Relê Esquilo, meu amigo, relê as Eumênides, lá verás a Pítia, chamando os que iam à consulta: "Se há aqui Helenos, venham, aproximem-se, segundo o uso, na ordem marcada

pela sorte"... A sorte outrora, a numeração agora, tudo é que a verdade se ajuste à prioridade, e ninguém perca a sua vez de audiência. Natividade guardou o bilhete, e ambas foram à janela.

A falar verdade, temiam o seu tanto, Perpétua menos que Natividade. A aventura parecia audaz, e algum perigo possível. Não ponho aqui os seus gestos: imaginai que eram inquietos e desconcertados. Nenhuma dizia nada. Natividade confessou depois que tinha um nó na garganta. Felizmente, a cabocla não se demorou muito; ao cabo de três ou quatro minutos, o pai a trouxe pela mão, erguendo a cortina do fundo.

—Entra, Bárbara.

Bárbara entrou, enquanto o pai pegou da viola e passou ao patamar de pedra, à porta da esquerda. Era uma criaturinha leve e breve, saia bordada, chinelinha no pé. Não se lhe podia negar um corpo airoso. Os cabelos, apanhados no alto da cabeça por um pedaço de fita enxovalhada, faziam-lhe um solidéu natural, cuja borla era suprida por um raminho de arruda. Já vai nisto um pouco de sacerdotisa. O mistério estava nos olhos. Estes eram opacos, não sempre nem tanto que não fossem também lúcidos e agudos, e neste último estado eram; igualmente compridos; tão compridos e tão agudos que entravam pela gente abaixo, revolviam o coração e tornavam cá fora, prontos para nova entrada e outro revolvimento. Não te minto dizendo que as duas sentiram tal ou qual fascinação. Bárbara interrogou-as; Natividade disse ao que vinha e entregou-lhe os retratos dos filhos e os cabelos cortados, por lhe haverem dito que bastava.

—Basta, confirmou Bárbara. Os meninos são seus filhos?

—São.

—Cara de um é cara de outro.

—São gêmeos; nasceram há pouco mais de um ano.

—As senhoras podem sentar-se.

Natividade disse baixinho à outra que "a cabocla era simpática", não tão baixo que esta não pudesse ouvir também; e daí pode ser que ela, receosa da predição, quisesse aquilo mesmo para obter um bom destino aos filhos. A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos defronte de si. Olhou alternadamente para eles e para a mãe, fez algumas perguntas a esta, e ficou a mirar os retratos e os cabelos, boca aberta, sobrancelhas cerradas. Custa-me dizer que acendeu um cigarro, mas digo, porque é verdade, e o fundo concorda com o ofício. Fora, o pai roçava os dedos na viola, murmurando uma cantiga do sertão do Norte:

Menina da saia branca,

Saltadeira de riacho...

Enquanto o fumo do cigarro ia subindo, a cara da adivinha mudava de expressão, radiante ou sombria, ora interrogativa, ora explicativa. Bárbara inclinava-se aos retratos, apertava uma madeixa de cabelos em cada mão, e fitava-as, e cheirava-as, e escutava-as, sem afetação que porventura aches nesta linha. Tais gestos não se poderiam contar naturalmente. Natividade não tirava os olhos dela, como se quisesse lê-la por dentro. E não foi sem grande espanto que lhe ouviu perguntar se os meninos tinham brigado antes de nascer.

—Brigado?

—Brigado, sim, senhora.

—Antes de nascer?

—Sim, senhora, pergunto se não teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra?

Natividade, que não tivera a gestação sossegada, respondeu que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônias... Mas então que era? Brigariam por quê? A cabocla não respondeu. Ergueu-se pouco depois, e andou à volta da mesa, lenta, como sonâmbula, os olhos abertos e fixos; depois entrou a dividi-los novamente entre a mãe e os retratos. Agitava-se agora mais, respirando grosso. Toda ela, cara e braços, ombros e pernas, toda era pouca para arrancar a palavra ao Destino. Enfim, parou, sentou-se exausta, até que se ergueu de salto e foi ter com as duas, tão radiante, os olhos tão vivos e cálidos, que a mãe ficou pendente deles, e não se pôde ter que lhe não pegasse das mãos e lhe perguntasse ansiosa:

—Então? Diga, posso ouvir tudo.

Bárbara, cheia de alma e riso, deu um respiro de gosto. A primeira palavra parece que lhe chegou à boca, mas recolheu-se ao coração, virgem dos lábios dela e de alheios ouvidos. Natividade instou pela resposta, que lhe dissesse tudo, sem falta...

—Cousas futuras! murmurou finalmente a cabocla.

—Mas, cousas feias?

—Oh! não! não! Cousas bonitas, cousas futuras!

—Mas isso não basta: diga-me o resto. Esta senhora é minha irmã e de segredo, mas se é preciso sair, ela sai; eu fico, diga-me a mim só... Serão felizes?

—Sim.

—Serão grandes?

—Serão grandes, Oh! grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir... Brigaram no ventre de sua veio busca mãe, que tem? Cá fora também se briga. Seus filhos serão

gloriosos. É! só o que lhe digo. Quanto à qualidade da glória, cousas futuras! Lá dentro, a voz do caboclo velho ainda uma vez continuava a cantiga do sertão:

Trepa-me neste coqueiro,

Bota-me os cocos abaixo.

E a filha, não tendo mais que dizer, ou não sabendo que explicar, dava aos quadris o gesto da toada, que o velho repetia lá dentro:

Menina da saia branca,

Saltadeira de riacho,

Trepa-me neste coqueiro,

Bota-me os cocos abaixo,

Quebra coco, sinhá,

Lá no cocá,

Se te dá na cabeça,

Há de rachá;

Muito hei de me ri,

Muito hei de gostá,

Lelê, coco, naiá.

CAPÍTULO II / MELHOR DE DESCER QUE DE SUBIR

Todos os oráculos têm o falar dobrado, mas entendem-se. Natividade acabou entendendo a cabocla, apesar de lhe não ouvir mas nada; bastou saber que as cousas futuras seriam bonitas, e os filhos grandes e gloriosos para ficar alegre e tirar da bolsa uma nota de cinqüenta mil-réis. Era cinco vezes o preço do costume, e valia tanto ou mais que as ricas dádivas de Creso à Pítia. Arrecadou os retratos e os cabelos, e as duas saíram, enquanto a cabocla ia para os fundos à espera de outros. Já havia alguns fregueses à porta, com os números de ordem, e elas desceram rapidamente, escondendo a cara.

Perpétua compartia as alegrias da irmã, as pedras também, o muro do lado do mar, as camisas penduradas às janelas, as cascas de banana no chão. Os mesmos sapatos de um irmão das almas, que ia a dobrar a esquina da Rua da Misericórdia para a de S. José, pareciam rir de alegria, quando realmente gemiam de cansaço. Natividade estava tão fora de si que, ao ouvir-lhe pedir: "Para a missa das almas!" tirou da bolsa uma nota de dous mil-réis, nova em folha, e deitou-a à bacia. A irmã chamou-lhe a atenção para o engano, mas não era engano, era para as almas do purgatório.

E seguiram lépidas para o coupé, que as esperava no espaço que fica entre a igreja de S. José e a Câmara dos Deputados. Não tinham querido que o carro as levasse até ao princípio da ladeira, para que o cocheiro e o laçao não desconfiassem da consulta. Toda a gente falava lava então da cabocla do Castelo, era o assunto da cidade; atribuíam-lhe um poder infinito, uma série de milagres, sortes, achados casamentos. Se as descobrissem, estavam perdidas embora muita gente boa lá fosse. Ao vê-las dando a esmola ao irmão das almas, o laçao trepou à almofada e o cocheiro tocou os cavalos, a carruagem veio buscá-las, e guiou para Botafogo.

TEXTO No. 2: Canudos e o morro da Favela.

Natureza e data do texto:

Como se sabe, a palavra favela refere-se a uma árvore muito comum na região próxima ao arraial de Canudos, no sertão baiano. Algumas passagens de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, publicado em 1902, dão subsídios às diversas hipóteses acerca da utilização da palavra para designar o antes chamado Morro da Providência.

"Do alto da Serra de Monte-Santo atentando-se para a região, estendida em tórno num raio de quinze léguas, nota-se, como num mapa em relêvo, a sua conformação orográfica. (...) Tôdas [as serras da região] traçam, afinal, elíptica curva fechada ao sul por um morro, o da *Favela*, em torno de larga planura ondeante onde se erigia o arraial de Canudos - e daí, para o norte, de novo se dispersam e decaem até acabarem em chapadas altas à borda do S.Francisco. [ver mapa pp.22-23]"

"Do alto da Favela

Galgava o topo da Favela. Volvia em volta o olhar para abranger de um lance o conjunto da terra. (...) O arraial, adiante e em baixo, erigia-se no mesmo solo perturbado."

"As *favelas*, anônimas ainda na ciência - ignoradas pelos sábios, conhecidas demais pelos tabaréus - talvez um futuro gênero *cauterium* das leguminosas, têm, nas folhas de células alongadas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa. Por um lado, a sua epiderme ao esfriar-se, à noite, muito abaixo da temperatura do ar, provoca, a despeito da secura dêste, breves precipitações de orvalho; por outro, a mão que a toca, toca uma chapa incandescente de ardência inaturável."

"Polícia de bandidos

Graças a seus braços fortes, Antônio Conselheiro dominava o arraial, corrigindo os que saíam das trilhas demarcadas. Na cadeia ali paradoxalmente instituída - a *poeira*, no dizer dos jagunços - viam-se, diariamente, presos pelos que haviam cometido a leve falta

de alguns homicídios os que haviam perpetrado o crime abominável de faltar às rezas.

Inexorável para as pequenas culpas, nulíssima para os grandes atentados, a justiça era, como tudo o mais, antinômica, no *clã* policiado por facínoras. Visava uma delinquência especial, traduzindo-se na inversão completa do conceito do crime. Exercitava-se, não raro duramente, cominando penas severíssimas sôbre leves faltas.

O uso da aguardente, por exemplo, era delito sério. Ai! do dipsomaníaco incorrigível que rompesse o interdito imposto !

Conta-se que de uma feita alguns tropeiros inexpertos, vindos do Juazeiro, foram ter a Canudos, levando alguns barris do líquido inconcensso. Atraía-os o engôdo de lucro inevitável. Levavam a eterna cúmplice das horas ociosas dos matutos. Ao chegarem, porém, tiveram, depois de descarregarem na praça a carga valiosa, desagradável surpresa. Viram, ali mesmo, abertos os barris, a machado, e inutilizado o contrabando sacrílego. E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, ao invés do ganho apetecido, o ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata.

Este caso é expressivo. Sólida experiência ensinara ao Conselheiro todos os perigos que adviriam dêste *hachich* nacional. Interdizia-o menos por debelar um vício que para prevenir desordens. Mas fora do povoado, estas podiam espalhar-se à larga. Dali partiam bandos turbulentos arremetendo com os arredores. Tôda a sorte de tropelias eram permitidas, desde que aumentassem o patrimônio da grei. Em 1894, as algaras, chefiadas por valentões de nota, tornaram-se alarmantes. Foram em um crescendo tal, de depredações e desacatos, que despertaram a ação dos poderes constituídos, originando mesmo calorosa e inútil discussão na Assembléia Estadual da Bahia."

"Porque o morro da Favela, como os demais daquele tracto dos sertões, não tem nem mesmo o revestimento bárbaro da caatinga. É desnudo e áspero. Raros arbúsculos, esmirrados e sem folhas, raríssimos cereus ou bromélias esparsas, despontam-lhe no cimo sôbre o chão duro (...)."

"O arraial - 'compacto' como as cidades do Evangelho - completava a ilusão.

Ao cair da noite, de lá ascendia, ressoando longamente nos descampados em ondulações sonoras. Os canhões da Favela bramiam, despertos por aquelas vozes tranquilas. Cruzavam-se sôbre o campanário humilde as trajetórias das granadas. Estouravam-lhe por cima e em roda os schrapnells. Mas lento e

lento, intervaladas de meio minuto, as vozes suavíssimas se espalhavam silentes, sôbre a assonância do ataque. O sineiro impassível não claudicava um segundo no intervalo consagrado. Não perdia uma nota."

"Prisioneiros

(...)

Nem um rosto viril, nem um braço capaz de suspender uma arma, nem um peito resfolegante de campeador domado: mulheres, sem número de mulheres, velhas espectrais, moças envelhecidas, velhas e moças indistintas na mesma fealdade, escaveiradas e sujas, filhos escanchados nos quadris desnalgados, filhos encarapitados às costas, filhos suspensos aos peitos murchos, filhos arrastados pelos braços, passando; crianças, sem número de crianças; velhos, sem número de velhos; raros homens, enfermos opilados, faces túmidas e mortas, de cêra, bustos dobrados, andar cambaleante."

"Canudos não se rendeu

Fechemos êste livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em tôda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5 [de outubro de 1897], ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados."

Fonte: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1952 [1902].22.ed.

TEXTO No. 3: A FAVELA COMO QUESTÃO DE POLÍCIA

Natureza e data do texto:

Do dualismo que persiste em muitas das interpretações atuais a respeito das favelas, o Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, guarda um interessante documento datado de 4 de novembro de 1900. Trata-se de uma carta do delegado da 10ª circunscrição ao Chefe de Polícia, Dr. Eneas Galvão. Nela podemos ler:

“Obedecendo ao pedido de informações que V.Excia., em ofício sob nº 7071, ontem me dirigiu relativamente a uma local do ‘Jornal do Brasil’, que diz estar o morro da Providência infestado de vagabundos e criminosos que são o sobressalto das famílias no local designado, se bem que não haja famílias no local designado, é ali impossível ser feito o policiamento porquanto nesse local, foco de desertores, ladrões e praças do exército, não há ruas, os casebres são construídos de madeira e cobertos de zinco, e não existe em todo

o morro um só bico de gás, de modo que para a completa extinção dos malfeitores apontados se torna necessário um grande cerco, que para produzir resultado, precisa pelo menos de um auxílio de oitenta praças completamente armadas.”

A proposta do cerco, prossegue o delegado, nem ao menos era inédita:

“Dos livros desta delegacia consta ter ali sido feita uma diligência pelo meu antecessor que teve êxito, sendo com um contingente de cinqüenta praças, capturado, numa só noite, cerca de noventa e dois indivíduos perigosos. “

A solução ideal, entretanto, era outra, sugere o delegado ao Chefe de Polícia:

“Parece, entretanto, que o meio mais pratico de ficar completamente limpo o aludido morro é ser pela Diretoria de Saúde Pública ordenada a demolição de todos os pardieiros que em tal sítio se encontram, pois são edificados sem a respectiva licença municipal e não têm as devidas condições higiênicas.

Saúde e fraternidade
O delegado”

A carta do delegado foi encaminhada a um assessor do Chefe de Polícia, acompanhada do seguinte parecer, datado de 8 de novembro de 1900:

“Parece-me que ao Sr. Prefeito devem ser pedidas, a bem da ordem e moralidade públicas, as providências que julgar necessárias para a extinção dos casebres e pardieiros a que alude o delegado.”

Dois dias, depois, com um lacônico “Sim”, o Dr. Eneas Galvão, Chefe de Polícia do Distrito Federal, endossava o parecer de seu assessor. Aqui perdemos o fio da meada histórica e não sabemos se jamais o prefeito veio a receber tal correspondência. De qualquer forma, os dois documentos existentes no Arquivo Nacional são importantes por dois motivos. Em primeiro lugar, mostram que o “morro da Favella”, apenas três anos depois do Ministério da Guerra permitir que ali viessem a se alojar os veteranos da campanha de Canudos (terminada em 1º de outubro de 1897), já era percebido pelas autoridades policiais como um “*foco de desertores, ladrões e praças do exército*”. E mais, a carta do delegado da 10ª circunscrição parece conter a primeira menção à favela como um duplo problema: sanitário e policial (aos quais o assessor de Eneas Galvão acrescentou a “*moralidade pública*”), que poderia, por isso mesmo, ser resolvido de um só golpe. A idéia da favela como um “foco”, a menção à “limpeza”, isto é, a retórica centrada nas concepções de uma “patologia social” e da “poluição” estava destinada a uma longa permanência na cena institucional carioca do século XX. A proposta de cercar um morro habitado pelas “classes perigosas”, entretanto, não era nova

(como os registros da 10ª delegacia assinalavam) e nem parecia ser fruto único e exclusivo da mente das autoridades policiais. Assim podemos depreender de uma notícia publicada também no “Jornal do Brasil”, na famosa coluna “Queixas do Povo”, ainda no mês de novembro de 1900:

“Diversos caixeiros de lojas de fazendas da rua da Carioca vieram pedir que reclamássemos do sr. delegado da 6ª circunscrição urbana as providências contra uma quadrilha de menores gatunos que se acouta no morro de Santo Antônio, perto da passagem dos *bonds* elétricos.

Anteontem à noite, um desses larápios, auxiliado por um grupo de companheiros, furtou da casa nº 39 daquela rua um par de calças que estava à mostra.”

A relativa insignificância do objeto furtado, entretanto, não parece ter impedido uma reação imediata e coletiva dos comerciantes daquela rua, denotando, talvez, a freqüência do problema:

“Perseguidos pelos reclamantes referidos, evadiram-se por aquele morro, sendo presos somente dois, por um guarda noturno; os outros, antes de fugirem à polícia, juraram aos seus perseguidores vingarem-se deles.”

A providência solicitada pelos comerciantes à autoridade policial é a seguinte:

“Um cerco bem dado, estudando o sr. delegado antecipadamente o terreno do morro, teria bom resultado”.

Extraído da Introdução do livro *Um século de favela*. Organizado por Alba Zaluar e Marcos Alvito. Rio de Janeiro, FGV, 1998.

TEXTO No. 4: QUEIXAS DO POVO AO *JORNAL DO BRASIL*

Natureza e data do texto:

Esta notícia, publicada no *Jornal do Brasil* em 29 de outubro de 1900, já apresenta uma queixa endereçada ao delegado da 10ª circunscrição referido no texto anterior. À época, o *Jornal do Brasil* era um jornal bastante popular, por sua postura de oposição ao governo e por dar espaço ao “jogo dos bichos”, aos crimes e reivindicações populares (cf. SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988). As “Queixas do Povo” era um dos carros-chefes do jornal, pois eram publicadas gratuitamente e nem mesmo era necessário saber escrever: as reclamações podiam ser feitas diretamente no jornal ou em suas agências. Mantivemos a grafia original.

“Pedem-nos que chamemos a atenção do Sr. Delegado da 10ª circunscrição para um grupo de vagabundos que estaciona quasi todos os dias na rua da Providencia, incomodando as familias alli

residentes, que são obrigadas a ouvir constantemente palavrões desses desocupados."

Também já apareciam queixas contra menores:

"Queixam-se os moradores da praça da República da grande quantidade de gatunos e menores vagabundos que trazem em sobressalto as famílias daquele lugar, e pedem-nos que reclamemos providencias à policia, afim de reprimi-los, pois dia e noite fazem alli proezas de toda a sorte."

(3/11/1900)

TEXTO No. 5: NOTICIÁRIO POLICIAL

Natureza e data do texto:

Como já foi dito, um dos motivos para que o *Jornal do Brasil* fosse chamado de *popularíssimo* era o fato de publicar notícias policiais à gosto da população, anunciadas por manchetes sensacionalistas. Vejamos algumas chamadas de "factos policiaes" do *Jornal do Brasil* :

"EM UM BAILE
CIUMADA
SCENA DE SANGUE
FUGA DO CRIMINOSO"

"TENTATIVA DE ASSASSINATO
À NAVALHA"

"ACTO DE DESESPERO [suicídio]
NA RUA DE SÃO JORGE"

"O ZEZINHO ["gatuno
audacioso"]
EM FLAGRANTE"

"SUICIDIO
QUESTÕES DE AMORES
UMA CARTA"
(6/11/1900)

"APEDREJADO"
"COUSAS DA POLICIA"
"CAVALLO ROUBADO"

"TENTATIVA DE ASSASSINATO
NAMORADO FERROZ
A REVÓLVER
EM PAULA MATTOS"
(18/10/1900)

"ESPOSA INFELIZ
MARIDO QUE MATA
CRIME DA RUA DO PROPOSITO
RELATORIO DO DELEGADO"
(30/9/1900)

"ACTO DE DESESPERO
POR CAUSA DE CIUMES
A KEROSENE"
(15/10/1900)

"ASSASSINATO
EM CASCADURA
A FOUCE E PUNHAL
O INQUERITO POLICIAL
PROMENORES [sic]
NOTAS E INFORMAÇÕES"
(20/11/1900)

"A BAYONETA
BARBARO ASSASSINATO
ENTRE MENORES
NO BECCO DA BATALHA
PRISÃO DO CRIMINOSO
CONFLICTO E FUGA
NA RUA DA MISERICÓRDIA
AS PROVIDENCIAS DA POLICIA
OS DEPOIMENTOS TOMADOS"
(3/11/1900)

Agora o exemplo de uma notícia completa (1/11/1900):

"UMA FACADA
ASSASSINADO
NA RUA GENERAL CAMARA

Às nove horas da noite, menor, com 15 anos, Julião Francisco, copeiro, negro, matou o português Albino Ferreira, empregado de um açougue. Negou o crime mas depois confessou ao repórter: diz Julião que era inimigo de Albino Ferreira, por tel-o este convidado á pratica de actos reprovados, e que já não era a primeira vez que com elle se atracava por tal motivo."

Mesmo os folhetins que o jornal publicava parece que davam ênfase à questão criminal. A edição da tarde do Jornal do Brasil de 3/11/1900 anunciava dois folhetins: *Fama do crime*, de Fernandez y Gonzales; *A filha do assassino* de Xavier de Montépin; isto sem falar no título da *Bibliotheca do Jornal do Brasil* posto à venda: *O ladrão*, "interessante romance de Pul Bertney"; além disso, o JB publicava, diariamente, sob a rubrica *Brigada Policial*, os oficiais de serviço nos diferentes regimentos e guarnições e também da Guarda Nacional e até mesmo nomeações da Polícia.

Os morros já começavam a aparecer neste noticiário, como nos dois exemplos que se seguem, talvez demonstrando uma vigilância mais cerrada nas cercanias do Morro da Providência:

"Hontem, às sete horas da tarde, foi recolhido ao xadrez o nacional Antonio Joaquim de Oliverira, preso na subida do morro da Providencia, por estar armado de uma faca de ponta.

O delegado da 10ª circumscrição abriu inquerito."
(em 3/11/1900)

"PUNHALADA

Alexandre da Silva foi hontem preso pelo delegado da 10ª circumscrição, por ter ante-hontem, às 9 horas da noite, no morro da Providência, agredido e ferido com uma punhalada no peito a Antonio Joaquim da Silva, que se acha em tratamento no Hospital da Misericórdia."

(em 29/10/1900)

Os "criminosos" já tinham seus "perfis" traçados com o desprezo e a ironia habituais (havia até uma seção mais ou menos constante chamada "Os Larápios"), fazendo-se referência à cor da pele ou à sua morada em lugares já vistos como suspeitos:

"FACTOS POLICIAES

Jayme Fernandes, Virgilio Bezerra e Henrique de Brito são tres *valientes* do morro do Pinto, que antehontem foram presos e trancafiados no xilindró da 10ª delegacia, por promoverem grande *charivari* na rua Visconde de Sapucahy.

Contra a perniciosa trindade procede na forma da lei o respectivo delegado."

(em 11/11/1897)

"SCENA DE SANGUE EM UM BOTEQUIM DESORDEM E HOMICÍDIO O CRIMINOSO

Hontem, à uma e meia da tarde, no gabinete medico legista da policia, os doutores Marcher Serzedello e Moraes e Brito examinaram Alfredo Manuel do Nascimento, vulgo Alfredo da Bahiana, o autor do assassinato de Abel de Souza Pereira, crime que se deu na madrugada de 12 do corrente, no café 'Flor da Mocidade', no largo do Matadouro [Praça da Bandeira].

Alfredo é um pardinho imberbe, pernóstico, magro, de altura regular e cheio de si.

Trajava um bello paletot de flanela azul, correcto, camisa de linho, sem collarinho; calça preta a balão, tendo a bocca da mesma justa aos sapatos, que eram de lona branca com tiras de couro amarello.

Falla bem, mas affectadamente.

Tirado o paletot para o exame medico legal, a camisa apresentava-se rasgada em diversos pontos, primeiramente nas mangas demonstrando [sic] grande luta.

- Então, por que foi matar um homem assim à tóa ? Perguntou um dos medicos.
- Eu não matei porque fosse de minha vontade, respondeu o criminoso, fazendo rolar nas mãos o chapéu molle.
- Elle provocou-te, bateu-te ?
- Não senhor: eu estava apanhando muito, todos me davam de cacete e alguns até me ameaçavam de revólver em punho; então puxei de meu *ferro* [grifo no original] para defender-me e fiz assim... (e sacudiu ambas as mãos em semi-círculo horizontal, como abrindo caminho).
- ...
- ... e a minha faca foi ferir o moço, entrando-lhe no peito.
- Eu não sou malandro, não senhor, continuou Alfredo, tanto que quando fui para aquelle café, havia sahido de meu trabalh nas obras do Cel. Santos Rodrigues.

Alfredo apresentava um ferimento contuso na testa e, depois do exame, foi recolhido á Casa da Detenção.

Como vêem os leitores, *Alfredo da Bahiana* resolveu-se a confessar o crime."

(em 15/10/1900)

TEXTO No. 6: DE OLHO NA *FAVELLA*

Natureza e data do texto:

Trecho do artigo "Onde moram os pobres", de Everaldo Backheuser, publicado na revista **Renascença**, RJ, Ano II, maio de 1905 (*Apud* ZYLBERBERG, Sônia, *Morro da Providência: Memórias da 'Favela'*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.p.26)

"O ilustre Dr. Passos, ativo e inteligente Prefeito da Cidade, já tem as suas vistas de arguto administrador voltadas para a 'Favela' e em breve providências serão dadas de acordo com as leis municipais, para acabar com esses casebres. É interessante fazer notar a formação dessa pujante aldeia de casebres e choças no coração mesmo da capital da República, eloquentemente dizendo pelo seu

mudo contraste a dois passos da Grande Avenida, o que é esse resto de Brasil pelos seus milhões de quilômetros quadrados."

"TEXTO" N.7: "UMA LIMPEZA INDISPENSÁVEL"

Natureza e data do texto:

Charge publicada na revista O Malho em 1908, com o título acima, faz referência aos planos de Oswaldo Cruz, à frente da Delegacia de Hygiene: evacuar os moradores do Morro da Favella em dez dias. Isto acabou não ocorrendo. Coleção Nosso Século, volume 1, apud ZYLBERBERG, Opus cit., p.27.

